

O MACACO NU

Um livro de Desmond Morris

Não é pra ser uma resenha. Li este livro há muitos anos. Talvez uns 25. Mas volta e meia me pego comentado alguma passagem dele, recomendando sua leitura. Pelo visto, mesmo que não conscientemente, ficou dele algo mais que uma simples lembrança.

Livros são assim mesmo. Uns nos encantam vivamente, não esquecemos deles jamais, nossos olhos brilham ao lembrá-los. Outros abominamos já de cara, até nos arrependemos de tê-los lido. Outros ainda passam por nós feito um bom jantar, um bom papo, mas que foram bons por alguns momentos e nada mais. Parece que são biodegradáveis, ou que ficam acantonados, hibernando feito um urso polar, quietinhos num vão da mente. Mas volta e meia uma luzinha de alerta pisca e lá estão eles anunciando a sua presença, avisando: lá vou eu colaborar com o discurso.

O macaco nu pertence a esta última classe. Nem lembro mais se é um bom livro, se é bem referenciado, onde e quando o comprei. O meu volume deve estar atrás de alguma prateleira atulhada de outros livros, papéis, discos, caixas de documentos. Não sei se há alguma nova edição dele no mercado. Com o auxílio da internet eu resolveria isso num instantinho. Mas vou pular essa parte. Vai ser, propositadamente, na base da lembrança. O que eu não lembrar, invento. Debito esses excessos prováveis na conta das construções que têm como maior responsável o próprio livro. Imagino que devo estar previamente indulgenciado por eventuais pecadilhos.

O autor é mesmo Desmond Morris, lembro. Ele é zoólogo, tenho quase certeza. Inglês, acho. Fico por aqui.

Desmond resolveu estudar o ser humano como um animal, analisar como nasce, cresce, se relaciona, procria, como desenvolve suas relações de poder, como reage a situações de perigo...

Dos mais de cem macacos e símios conhecidos, o *homo sapiens* é o único sem pelos. Esta afirmação deve arrepiar criacionistas. Vale lembrar que nada aqui tem função provocativa. Quem manda nessa minha interpretação são minhas convicções filosóficas, não as religiosas, acho. Deve acontecer o mesmo com Desmond Morris.

Segundo Desmond, nós, que nos auto-denominamos *homo sapiens*, nos parecemos mais com os macacos caçadores do que queremos admitir.

Analisando nossas lutas pela sobrevivência, nossos rituais de conquista e acasalamento, como cuidamos de nossa prole, e comparando tudo isso ao que fazem nossos parceiros na nave Terra – mesmo os de outras espécies –, é inútil tentar tapar o sol com a peneira e procurar esconder a crua verdade, fazendo de conta que não temos nada a ver com isso, que somos tão especiais que estamos acima dessa pequenez terrena.

Vá lá: somos especiais, sim. Como todos os outros animais. Parece até que dominamos o planeta. Mas é bom irmos devagar com o andor. Fazemos parte da natureza, somos dela fruto, e tenho dúvida se sobreviveremos a ela.

Como macacos nus, apesar de todo o nosso intelecto evoluído, de nossa soberba, lutamos por domínio na hierarquia social ou para estabelecer direitos territoriais, diz Desmond Morris. Apesar disso, nossa nítida vocação antropocêntrica procura obliterar qualquer semelhança com o comportamento dos demais animais.

Ah! Lembrei que Desmond nos provoca ao falar de uma briga, por exemplo de trânsito. Animais, antes do confronto direto, e nitidamente para tentar resolver o imbróglio no "grito", fazem barulho, vociferam, levantam poeira do chão, inflam seus corpos para parecerem maiores e mais amedrontadores do que são. Gatos, cachorros, chimpanzés... encenam magistralmente essas verdadeiras peças teatrais. Alguém vê nisso alguma semelhança com o ser humano?

Em seus relatos, ele não esquece de destacar o viés cultural, que para nós humanos é fator importantíssimo para orientar comportamentos.

Sabem de uma coisa? Vou procurar o meu volume de *O macaco nu* e ler de novo o livro. Com a "cabeça" uns 25 anos mais madura, tenho certeza de que vou me deliciar muito mais ao comparar os estudos de Desmond Morris com o que observo por aí. Talvez até para delatar comportamentos meus que instintivamente desfilo vida afora. Principalmente em meus "confrontos" com alunos e colegas de departamento.

Luiz Teixeira do Vale Pereira
Nepet – março de 2011